

Museu Privé

Arte e Coleções

O quadro que o mundo das artes terá que expor para se reinventar

As feiras de arte vão mudar? As vendas on line se sustentarão? Qual será o real impacto da pandemia no mercado após esta fase de introspecção forçada?

POR BIANCA CUTAIT, art advisor em Miami



Por favor, não abram as portas de seus comércios até segunda ordem”. Foi assim que eu acordei naquela manhã, a primeira em que mudamos de “lavem as mãos, evitem aglomerações” para “comércios de segunda necessidade abertos serão multados”. Incrédula com a velocidade das mudanças de ordem, a sensação é que já iríamos cancelar as próximas exposições, feiras, eventos, leilões. Art Basel Hong Kong já estava cancelada. Logo chega mensagem de texto da dona da Art Paris Art Fair, minha amiga de infância. Chers amis, a França está passando por um momento difícil, infelizmente vamos ter que postergar... Art Dubai, Frieze New York, SP Arte, semana de leilão em Nova York. Caos. Tudo cancelado ou postergado. Com uma desconhecida calma, tentei ver o que os peixes grandes estavam falando. E então começo uma pesquisa sem fim e, por enquanto, com algumas previsões e pouco otimismo para muitos.

Qual vai ser realmente o impacto no mercado de arte após este momento de introspecção literal e forçada? Somos um mercado em que o contato humano e as relações pessoais são a chave de qualquer negociação. Os eventos são fatores determinantes para que possamos fazer vendas e trazer novos clientes para nosso escopo. Teremos agora que fazer tudo isso virtualmente? Quando comecei a escrever, as informações mudavam num ritmo muito mais rápido do que a minha capacidade em fazer pesquisa. Pensando, me volto para a história. O Grupo Zero, meu all-time favorite grupo de artistas pós-Segunda Guerra Mundial se uniu para, digamos, começar arte do zero. Um ponto de partida para alavancar otimismo. Enquanto pesquiso como Heinz Mack e Otto Piene usavam pretos cor de pólvora, um novo e-mail chega no inbox, ‘COVID-19’ no título e o remetente mais uma feira de arte cancelando a edição que se aproximava. E outro. E mais inúmeros. A intangibilidade do que vem

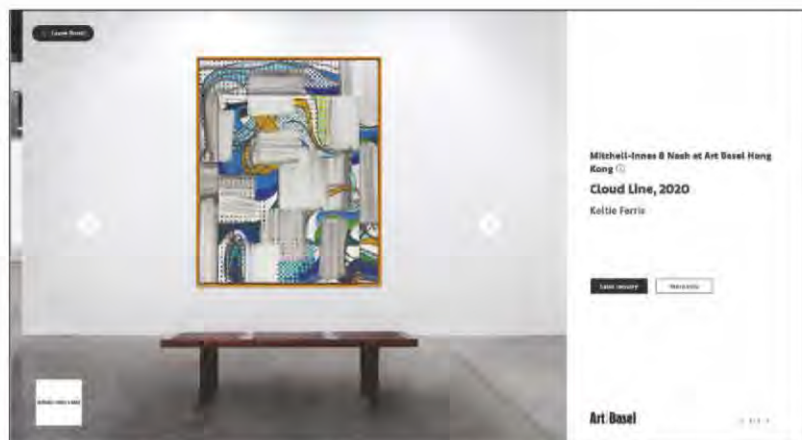
À ESQUERDA
Detalhe de obra
do artista Otto
Piene, um dos
fundadores do
Grupo Zero, cuja
premissa era um
reinício da arte
no pós-Guerra

ACIMA
Corredores da
Art Basel Miami
em 2019

pela frente gera uma angústia em todos os mercados, independentemente dos piores fatores, como saúde e economia mundial, que são certamente os piores dos cenários.

O mercado de arte naturalmente vai ser um dos mais afetados. Como, eu não sei dizer agora. Mas todos os mercados que não sejam imediatos vão ser abalados, o dinheiro vai trocar de mão e o mundo vai mudar. Meu constante otimismo quer me forçar a crer que será para melhor, e poderemos olhar para trás e nos lembrarmos de como nos tornamos pessoas melhores. Assim como a Segunda Guerra Mundial trouxe consequências devastadoras, também trouxe ensinamentos para nunca mais repetirmos os erros exuberantes cometidos pela ganância humana. Será que o mesmo acontecerá no mercado de arte, uma das indústrias mais prósperas e sombrias da história dos povos? Segundo o UBS Art Report projetado no começo de março de 2020, o mercado alcançou algo em torno de U\$ 65 bilhões no ano passado, e disso em média 45% das vendas são feitas de forma presencial em feiras. Agora eu aguardo com ansiedade o novo relatório, que certamente trará números bem diferentes do que o previsto para frente. Acredito também que o modelo de feiras de arte como conhecemos hoje mudará radicalmente, e as galerias não disponibilizarão mais montantes libidinosos para efetuar vendas. Galerias menores, como a minha, terão novas oportunidades de participar de um novo mercado que irá emergir a partir de agora. Art Basel, na sua apenas recente edição suíça, obteve números consideráveis, e os leilões começam a reaquecer no primeiro momento de edições postergadas. Mas será que voltaremos a respirar quando tirarmos as máscaras?

Durante a quarentena, tive oportunidade de conversar com pessoas em diferentes pontas do mercado. Um fotógrafo de advertising de comida parou de fotografar para agências e me explicou que as pessoas vão



comprar comida de qualquer forma. Diversas galerias pelo mundo querem se unir e trazer um novo conceito de exposições coletivas. O esperado leilão da Phillips foi, ao lado de seus concorrentes, postergado para o começo de julho e deverá trazer fortes surpresas, como o da Sotheby's trouxe na sua primeira noite. Enquanto isso, um importante consultor financeiro em NY me relembra do chamado efeito Black Swan, descrito em 2001 por Nassim Taleb. Esse fenômeno acontece quando um evento inesperado acontece mudando todas as premissas do mercado, forçando tudo e todos a se readaptarem à nova realidade, por mais distante que esta possa parecer. O agrupamento dos fatores do efeito Black Swan, se dá em três momentos. O primeiro é o desvio de conduta, pois muda o curso das expectativas regulares sem premissas. O segundo é o impacto extremo que rompe o andamento de nossas constâncias. E o terceiro, apesar dos desvios, é quando a natureza humana tende a voltar na história e analisar experiências para termos explicações e previsões, mesmo que sem precedentes. Afinal, foi um cisne negro desconhecido até então que apareceu no meio de tantos brancos óbvios ao conhecimento de todos.

Tendo isso em mente, pude me munir de um pouco mais de conhecimento sobre crises financeiras e deixei a angústia do que iria acontecer comigo de lado, pensando mais em quem não tem a possibilidade de ficar em isolamento por tanto tempo. E com este pensamento, meu coração quebrou junto com o Dow Jones. Há alguns anos, já morando na Flórida, escrevi uma matéria falando das sequelas do furacão Irma que atingiu os EUA e o Caribe em 2017, e naquela época me deparei com um nível de solidariedade humana quase irreal para o meu entendimento até então, ou a falta dele. Mas além da solidariedade entre as pessoas, me vi no epicentro de um país capitalista, em que a economia cresce exponencialmente graças ao preparo econômico de algumas empresas. Agora voltemos ao black swan. Se todo mundo foi pego de surpresa desta vez, e a perspectiva é que ninguém sobreviva da mesma maneira como operava antes, é lógico pensar que não houve ninguém preparado estruturalmente para se recuperar. Mas e agora?

ACIMA
Viewing room
online da Art
Basel

A maior feira de arte do mundo já estava prestes a lançar seu 'Online Viewing Room' para a edição em Hong Kong, onde cada galeria participante de Art Basel pode mostrar o que levaria para a feira, mas de forma virtual. Através dessa nova tecnologia, vemos como o mercado de arte começa a se reinventar. Pode então o mundo virtual tomar o lugar do que conhecemos até hoje como 'apreciar' arte? Ou mesmo a forma como fazemos nossos negócios? Pode a arte passar a ser apenas um bem supérfluo? O dinheiro vai trocar de mão, isso é fator inevitável. Até mesmo HNWI (High Net-Worth Individuals) compram arte quando existe uma previsão de possível liquidez, por mais remoto que seja esse pensamento no processo decisório. E se o mercado parar agora, quem será que vai dar o primeiro passo? As feiras de arte vão mudar seus espaços e suas dinâmicas? Os leilões voltarão a ser os termômetros? Ou essa nova geração tomará frente de um mercado bilionário até então e transformará o que conhecemos como realidade e trazer as tão necessárias modulações? Acredito que encontrar novas e oportunas contingências agora será o grande desafio, tanto para artistas quanto para galerias e advisors, que como eu têm conhecimento e resiliência para levar adiante as eventuais mudanças de rumo. Segundo a Bloomberg, enfrentaremos uma tritura de liquidez, e veremos ofertas de pânico aparecendo ao longo dos próximos meses. Isso com certeza trará uma renovação nos preços e até na tão esperada transparência que o mercado deve passar a ter.

Mesmo assim, me forço a raciocinar com otimismo e realismo. O mundo virtual já faz parte de muitos negócios, por que não o mercado de arte também? No novo mundo onde a AR (Realidade Aumentada, do inglês Augmented Reality) traz para nós exposições no MoMA dentro da sala de casa, será que conseguiremos trocar experiência por aquisições? O online viewing room de Art Basel conseguirá se sustentar com vendas online? O impacto econômico de uma crise como esta trará novos clientes, sem dúvidas. Mas irão estes (jovens) clientes comprar arte? Na história das crises mundiais, o preparo financeiro corporativo foi o que reconstruiu patamares desconhecidos em seus momentos. Será, então, que as empresas de ponta serão nossos novos clientes? Eu acredito que sim! Novas coleções corporativas irão se formar, empresas lucrativas conseguirão alocar parte de seus ativos em bens de lucros futuros, como a arte traz. Teremos o suporte de organizações novamente fortalecidas para voltarmos a crescer. Minimização de congruências, mas sem precedentes. Em todas as crises (inclusive as apontadas pelo black swan), a arte voltou com mais força. Volto a citar o exemplo do Grupo Zero e reitero o meu eterno otimismo que isso acontecerá mais uma vez. Voltaremos mais fortes, mais capazes, mais éticos e mais unidos, pois desta vez fomos pegos de surpresa. Para toda crise de curto prazo, novas oportunidades são geradas a longo prazo. Temos que ter fé em nós mesmos, estarmos preparados para esta nova realidade desconhecida e acreditarmos que tudo voltará ao normal, por mais irreal que o normal possa parecer no momento de crise. Este novo normal será melhor, seja ele o que vier. **33**

REPRODUÇÃO